

ENTREVISTA



*Eneida Maria de Souza*

Realizada na residência da autora,  
no dia 30 de abril de 2007,  
com os editores

*Helton Gonçalves de Souza*  
*e*  
*Martha Lourenço Vieira*

**Veredas**   
& **Cenários**  
educação, arte e cultura

Esta separata integra o livro

# TEMPO DE PÓS-CRÍTICA

Coleção:

OBRAS  
EM  
DOBRAS

☞ Podemos começar esta nossa conversa falando um pouco sobre as diferenças entre a formação dos estudantes – e pesquisadores em geral – de Letras no passado, a que sua trajetória analisada em *Tempo de pós-crítica* remete, e no presente? Muita coisa mudou?

*“...o curso de Letras teria de se modificar muito. Não sei bem como, mas do jeito que ele é estruturado, baseado numa formação que não condiz com os interesses e demandas do aluno do século XXI, deveria receber modificações.”*

**Eneida:** Sim. A começar do próprio acesso à bibliografia. Antes, tínhamos que ler a bibliografia, sobretudo de Teoria da Literatura, em francês, inglês ou espanhol. O estudante – ou o estudioso – tem hoje mais facilidade de acesso aos textos. Há um enorme trabalho de tradução por parte das editoras, destacadamente das editoras universitárias, as quais se voltam mais para os temas que estão sendo estudados, atualmente, tanto nas faculdades de Letras quanto nas faculdades de ciências humanas ou sociais. Lembro-me de que, nos anos de 1960, nas aulas de Teoria da Literatura, Maria Luiza Ramos sempre trabalhava com textos em línguas estrangeiras. Tínhamos outra formação. Portanto, o trabalho de tradução das editoras facilitou bastante esse acesso dos

alunos aos livros, tanto de textos teóricos quanto literários. Considero também que, com os novos recursos tecnológicos de informação, como a internet, o acesso fica ainda mais amplo e mais rápido. Mas é claro que o aluno não deve ficar “copiando” trabalho da internet. Falo disso em termos de consulta. Ao se fazer uma pesquisa para um livro, por exemplo, isso nos ajuda na elaboração de notas explicativas, tais como dados biobibliográficos de um autor, etc. Ao mesmo tempo, penso que o curso de Letras precisa receber mudanças. Ele não pode permanecer como era há 30 ou 40 anos. Precisa ter maior abertura, porque o corpo discente é diferente, e as atuais ofertas de emprego também são diferentes. Há muitos outros cursos pelos quais os alunos realmente se interessam, motivados pela questão do emprego, do mercado. Tenho a impressão de que o curso de Letras teria de se modificar muito. Não sei bem como, mas do jeito que ele é estruturado, baseado numa formação que não condiz com os interesses e demandas do aluno do século XXI, deveria receber modificações.

☞ E quanto ao conhecimento da tradição, da permanência de domínios básicos da tradição?

*“...o estudante deveria primeiro conhecer as obras clássicas para só depois pensar em desconstruir o cânone. A formação básica é essencial.”*

**Eneida:** Todo curso deveria ter uma bibliografia básica. A bibliografia de um curso de Teoria da Literatura, por exemplo, deve contemplar textos desde Aristóteles até os nossos dias. Num curso de Literatura Brasileira, o estudante deveria primeiro conhecer as obras clássicas para só depois pensar em desconstruir o cânone. A formação básica é essencial. Em virtude de estarmos vivendo um momento em que as informações chegam de forma fragmentada e simultânea, devido principalmente aos novos meios de comunicação, devemos incentivar a aquisição dessa formação básica.

☞ A palavra estruturalismo parece estar hipersemantizada, no sentido de se tratar somente das questões de imanência do texto. Falando então do estruturalismo como pensamento, como um parâmetro ou uma referência de análise. Por exemplo: podemos ler um texto da literatura brasileira de cordel, tal como você mesma praticou, um texto canônico da literatura brasileira, ou um texto de qualquer outra literatura contemporânea ou não, e trabalhar sobre eles a partir de certa correspondência, certo procedimento es-

trutural. Neste sentido, as práticas analíticas de Vladimir Propp ou de Lévi-Strauss não teriam ainda muita validade?

*“Até então, desconhecíamos a natureza de uma construção formalizada de análise, o que significava afastar-se do texto para melhor entendê-lo, ou seja, não proceder de forma impressionista e apaixonada.”*

**Eneida:** É claro. Eu sempre afirmo que minha formação estruturalista, no princípio dos anos de 1970, quando fui estudar na PUC do Rio de Janeiro, foi muito importante. Não no sentido de ficarmos restritos aos métodos de abordagem do texto, mas é inegável ter sido a ruptura uma das mais produtivas sementes plantadas pelo pensamento estruturalista. Até então, desconhecíamos a natureza de uma construção formalizada de análise, o que significava afastar-se do texto para melhor entendê-lo, ou seja, não proceder de forma impressionista e apaixonada. A participação do sujeito na interpretação do texto levava em conta – e até hoje constata-se esse fato – o movimento duplo de afastamento e de aproximação do objeto, posição intermediária que permite o trânsito intersubjetivo.

☞ No sentido, digamos, do rigor compreendido numa análise, com parâmetros e referências nítidos?



“...não posso deixar de mencionar o nome de Maria Luiza Ramos, pioneira na revolução da crítica no Brasil.”

**Eneida:** É. Porque o que estávamos acostumados a fazer era paráfrase. Repetia-se o texto, resumia-se o enredo, trocando em miúdos o que o autor queria dizer. Ideologicamente, a crítica se fundamentava no aparato humanista e biográfico, salvando-se a função utilitária da literatura. Os estudos intrínsecos da obra literária têm seu início com trabalhos desenvolvidos principalmente nos cursos de Teoria da Literatura das Faculdades de Letras, e não posso deixar de mencionar o nome de Maria Luiza Ramos, pioneira na revolução da crítica no Brasil.

☞ A conferência “O que é um autor”, de Foucault, por exemplo, é de 1969. O livro *S/Z*, de Barthes, de 1970. Nessa época, como estava o estruturalismo no Brasil?

“A corrente estruturalista é muito complexa, heterogênea, diversificada. Fazer a história da crítica não é nada fácil, justamente por causa disso. Além das várias fases do estruturalismo, há as várias fases da recepção das teorias no Brasil.”

**Eneida:** O estruturalismo francês ainda estava chegando, com Greimas e todos os outros autores

da *Revista Communications*, n.8. E através da crítica francesa, Mikhail Bakhtine, traduzido na França no início dos anos 1970. Isso é importante de se assinalar. Porque foi a partir de meados dos anos 1980 que se começou a fazer a releitura da crítica estrutural. A corrente estruturalista é muito complexa, heterogênea, diversificada. Fazer a história da crítica não é nada fácil, justamente por causa disso. Além das várias fases do estruturalismo, há as várias fases da recepção das teorias no Brasil. Em seguida, tem-se a recepção do pós-estruturalismo no momento de recepção do estruturalismo, pois recebíamos, nos anos de 1970, sem muito discernimento, as teorias de forma homogênea. O pós-estruturalismo juntamente com o pós-modernismo, com o pós-colonialismo, com a leitura que os Estados Unidos – e os indianos – vão fazer dessas teorias européias, já são introduzidas aqui na década de 1980. Enquanto estudei na França, as teorias pós-colonialistas ainda não vigoravam por lá. Se é que ainda têm lugar hoje. Walter Benjamin, por exemplo, tem sua entrada na academia brasileira a partir do final dos anos de 1970, com a tradução de sua obra. No entanto, alguns pesquisadores, com conhecimento da língua alemã, já estavam familiarizados com sua teoria.

☞ Crítica cultural: o que você gostaria de falar, inicialmente, sobre ela?

“...a linguagem do crítico literário, nos dias atuais, se assemelha à do historiador, do antropólogo, do sociólogo, devido à utilização de um vocabulário teórico parecido. E tudo isso por quê? Porque há o elo comum que é a cultura.”

**Eneida:** A crítica cultural, conforme já desenvolvi em vários artigos, chega ao Brasil juntamente com os estudos de literatura comparada. A disciplina, que já fazia parte do currículo na USP, se renova no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, com a criação de novos cursos, em nível de pós-graduação. Foi justamente nessa época que nos Estados Unidos a crítica cultural estava começando a ganhar fôlego. Com isso, adquire grande importância o estudo da crítica cultural, os estudos culturais ou da literatura comparada. Primeiramente, foi atribuída uma dimensão política à crítica literária. Em segundo lugar, a literatura deixa de ser considerada um discurso único. Com o advento da interdisciplinaridade, ou da transdisciplinaridade, a literatura entra no rol das outras disciplinas e é analisada como um discurso entre outros. Embora conserve sua diferença, sua especificidade. Mas é interessante notar que a linguagem do

crítico literário, nos dias atuais, se assemelha à do historiador, do antropólogo, do sociólogo, devido à utilização de um vocabulário teórico parecido. E tudo isso por quê? Porque há o elo comum que é a cultura.

☞ Roland Barthes – tanto quanto Michel Foucault, por exemplo, dentre outros –, já praticava isso quase que sistematicamente na década de 1970. E a geração dele, entre o estruturalismo e o pós-estruturalismo, era uma geração meio *outsider* (ou, como dizia Barthes: incerta) com relação ao universo acadêmico “clássico” daquela época. Enfim, essa não é uma prática propriamente nova, não é mesmo?

**Eneida:** Não, não é uma prática nova. Foi na Inglaterra que começaram os estudos culturais, na década de 1950, com Stuart Hall, Raymond Williams, Richard Hoggart. Esses teóricos estavam interessados em defender o valor da cultura popular frente à nova cultura de massas, e de mostrar que a recepção de uma mensagem cultural não se dissociava das condições sociais de seu engendramento. A preocupação também com manifestações literárias que não estivessem voltadas somente para as elites. Foi dessa forma que se desenvolveu o que hoje denominamos de crí-

tica cultural. Mas, se você pensar bem, a carreira de Roland Barthes se iniciou com a crítica estruturalista, embora nessa época ele já escrevesse *O sistema da moda*, que se mostrava seduzido pela cultura

*“Mas é importante considerar, nesse caso, que a crítica francesa e a própria filosofia francesa – com Jacques Derrida, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Pierre Bourdieu, enfim, todos os mais importantes –, nunca colocaram a América Latina entre suas preocupações.”*

de massa. Um segundo Roland Barthes vai examinar a questão do sujeito, do ensaio como autobiografia, do prazer do texto. Nesse caso, ele se volta não só para a crítica literária, mas para temas os quais a literatura sempre exaltou, como o amor, a paixão, em *Fragmentos de um discurso amoroso*, por exemplo.

*“Essa é a diferença que se verifica na recepção das teorias na década de 1980, revitalizadas pelos interesses por novos conceitos como os de pós-colonialismo, pós-modernismo, pós-estruturalismo, e com o advento dos discursos das minorias.”*

Em suma, a crítica literária sempre esteve ligada à cultura, é quase impossível separar os dois segmentos, só que antes essa relação se fazia de maneira diferente. Mas é importante considerar, nesse caso, que a crí-

tica francesa e a própria filosofia francesa – com Jacques Derrida, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Pierre Bourdieu, enfim, todos os mais importantes –, nunca colocaram a América Latina entre suas preocupações. Quando Jean Baudrillard morreu, Ivana Bentes, professora da Escola de Comunicação da UFRJ, escreveu um artigo muito interessante sobre ele. Além de reconhecer o lado pessimista e niilista do autor, como representante da vertente apocalíptica da pós-modernidade, lembra que Baudrillard foi várias vezes convidado a vir ao Brasil e que nunca se dignou a escrever sobre nossa realidade. Nesse sentido, poderia ter percebido não só o lado catastrófico dos acontecimentos, mas as transformações sociais aqui realizadas, como aquelas relacionadas aos movimentos das minorias, por exemplo. Jacques Derrida, no final da vida, se interessou mais diretamente pelo terceiro mundo. No entanto, quando essas teorias vão ser lidas, nos Estados Unidos – por intelectuais que pertenciam à academia americana, mas que eram provenientes do terceiro mundo, como Homi Bhabha, Edward Said, ou os profissionais latino-americanos –, a leitura da herança francesa – ou inglesa – recebe outra direção e

se politiza em termos teóricos. Os estudos culturais desenvolvidos nos Estados Unidos – e na América Latina – contribuem para maior compromisso com a recepção das idéias produzidas na academia européia. A importância teórica do pensamento de Derrida, Deleuze, Foucault, entre outros, serviu para se reler também a América Latina, mas pelo viés de sua releitura por nossos intelectuais.

Essa é a diferença que se verifica na recepção das teorias na década de 1980, revitalizadas pelos interesses por novos conceitos como os de pós-colonialismo, pós-modernismo, pós-estruturalismo, e com o advento dos discursos das minorias. Esses discursos são introduzidos no Brasil no momento de abertura política, com o fim da ditadura e o retorno de um número considerável de professores que se especializavam nas universidades americanas e européias.

☐☐ Sobre a prática do ensaio, ao qual você tem se dedicado sobretudo no que diz respeito à crítica cultural. A tradição da crítica literária universitária tem se encontrado mais, atualmente, com a prática da crítica jornalística. Nesse contexto, o ensaio é o gênero que permite um trânsito maior entre universidade e jornalismo?

*“...a influência da escrita jornalística se mostra vantajosa. É mais objetiva e não se detém em detalhes de ordem formal.”*

*Eneida:* A crítica literária e a crítica cultural, hoje, são basicamente ensaísticas. A classe universitária, os profissionais da academia perceberam que não adiantava escrever só para os pares. Nesse sentido, a influência da escrita jornalística se mostra vantajosa. É mais objetiva e não se detém em detalhes de ordem formal. Mas, é muito mais simplista do que as leituras produzidas pela universidade. As resenhas que se publicam nos grandes jornais, com algumas exceções, são bastante superficiais. Elas são feitas por profissionais da mídia, que passam o olho no livro e comentam se gostaram ou não. Há resenhistas que cometem tamanha impropriedade a ponto de afirmar que um dos ensaístas de maior projeção na atualidade escreve mal. Dá até vontade de rir.

☐☐ Quando não se baseiam nos releases promocionais das editoras...

*“Tanto Maurice Blanchot, que você acaba de lembrar, quanto Roland Barthes representam a ruptura da crítica fechada em objetividades e distanciamento do sujeito na abordagem literária. Mas o exemplo nem sempre significa que os seguidores se saiam bem na empresa.”*



*Eneida*: Pois é. É aí que se verifica como o mercado fala mais alto. É verdade que o trabalho universitário, mesmo o das teses acadêmicas, está produzindo discursos de natureza ensaística. Vejo nisso um avanço. Não me agradam os textos que ainda praticam o estilo *écriture*, inspirado na escritura barthesiana. São textos que se situam entre a literatura e a crítica. O outro lado da moeda estruturalista não deverá ser o retorno ao obscurantismo, à ambigüidade e ao fragmentalismo, em nome da literatura e da poesia e não mais da teoria. Corre-se o risco de o ensaio crítico se afastar do leitor pelo grau de sofisticação e ficcionalização no tratamento do tema.

Tanto Maurice Blanchot, que você acaba de lembrar, quanto Roland Barthes representam a ruptura da crítica fechada em objetividades e distanciamento do sujeito na abordagem literária. Mas o exemplo nem sempre significa que os seguidores se saiam bem na empresa. É evidente que a crítica literária se dirige sempre a um público restrito; penso que, na maioria dos casos, nem mesmo nossos colegas nos lêem. Mas o que é realmente difícil de se aceitar nesse discurso é o recurso ao fragmento e à falta de articulação entre as idéias.

☞ Não se pode ser também superficial, portanto?

*Eneida*: Isso. O excesso de citações, por exemplo. Acho que a crítica às vezes exagera na exibição de determinada erudição. Há artigos que contêm mais notas de pé-de-página do que o texto propriamente dito. Não resta dúvida de que a publicação e a divulgação de teses acadêmicas têm revelado a transformação do discurso crítico contemporâneo, seja ele literário ou pertencente a outra área.

☞ Quem você destacaria no Brasil, atualmente, como praticante da boa crítica segundo essa tendência?

*"Penso que está-se formando uma nova geração de críticos que não só desenvolvem um trabalho sério na universidade, como se empenham na formação de um pensamento teórico bem fundamentado."*

*Eneida*: Dentro dessa tendência, colocaria Silviano Santiago, que consegue transmitir, de forma clara, um pensamento sofisticado e como resultado de muita pesquisa. Davi Arrigucci Jr. é um ensaísta por excelência. Sua linguagem é uma das mais primorosas em termos de estilo, além de introduzir o relato como procedimento analítico. Flora Süssekind representa, para sua

geração, a mudança de dicção analítica, assim como Ítalo Moriconi, Wander Melo Miranda, Renato Cordeiro Gomes, entre outros. O exercício crítico exige atualmente muito, por ser uma atividade que se esgota, em virtude da exaustão e repetição dos temas abordados. Estamos o tempo todo convivendo com *papers* apresentados em congressos, projetos encaminhados para apreciação e trabalhos de doutorado. Essa proliferação da produção acadêmica nem sempre se pauta pela qualidade ou originalidade.

Bem, acho que a gente deveria ter o cuidado de não esquecer alguns nomes. Prefiro citar os mais próximos, como Raul Antelo, Eneida Leal Cunha, Marília Cardoso, Ana Chiara, ao lado dos mais novos, como João César, Rachel Esteves Lima, Miriam Ávila, Maria Esther Maciel. Penso que está-se formando uma nova geração de críticos que não só desenvolvem um trabalho sério na universidade, como se empenham na formação de um pensamento teórico bem fundamentado. A valorização do aspecto formal e teórico na abordagem da literatura por alguns grupos abre caminhos para a crítica e não se afasta da observação cuidadosa do texto.

☞ No seu ensaio "O fim das ilusões", você efetua uma análise crítica do conceito de efêmero aplicado ao contexto acadêmico e intelectual contemporâneo. Fale-nos sobre isso.

*Adveio, então, a entrada de novos professores. E acho que isso é bastante saudável. Essa reciclagem tem mesmo que existir, mas não a ponto de se esquecer a tradição da própria universidade.*

*Eneida*: Tenho a impressão de que a universidade, hoje – falo das universidades federais, porque não tenho experiência com as universidades privadas –, ela se modificou bastante, desde o início do neoliberalismo, principalmente com a eleição do Collor e depois com Fernando Henrique Cardoso, quando as aposentadorias começaram a ter efeito, pelo direito adquirido pelos docentes como a promulgação do regime estatutário. Nessa época, eu também me vi na obrigação de me aposentar, porque estavam ameaçando a classe com a reforma da previdência. Houve também certo desconhecimento da situação e pouca informação dos órgãos competentes. Os professores que se aposentaram há mais de dez anos – não digo todos –, mas muitos se aposentaram sem vontade, pelo medo de perderem os direitos adquiridos. Com isso, ocorreu uma

saída em massa de professores titulados, resultando em grande perda para a instituição. Adveio, então, a entrada de novos professores. E acho que isso é bastante saudável. Essa reciclagem tem mesmo que existir, mas não a ponto de se esquecer a tradição da própria universidade. Mas, o que mais sinto é que os professores que se aposentavam poderiam fazer concurso novamente, para a mesma universidade, para o mesmo lugar. É, para mim, até hoje, uma falta de propósito, porque, a partir dessa situação, os professores concorrem, na maioria das vezes, com seus ex-alunos, ex-orientandos. Rompe-se com a continuidade acadêmica, rompem-se com as hierarquias. Nem entro muito na questão financeira, uma vez que os nossos salários são muito baixos, e esta é uma realidade mais do que conhecida. Mas eu me refiro ao enfraquecimento da própria estrutura universitária. Você segue uma carreira, com mestrado, doutorado e culmina com o concurso para professor titular. O sentido ético e profissional desta carreira é que se mantém a duras provas. Atualmente, até mesmo o concurso para titular passou a ser um concurso de ingresso na instituição.

*“A sua [do intelectual] posição dentro e fora da instituição é a de ser formadora de núcleos de pesquisas, respeitar seus pares e manter um comportamento acadêmico, no mínimo, ético. É nessa inserção talvez silenciosa que vão se formando comunidades unidas por objetivos comuns.”*

Para mim, são outros os princípios que regem a universidade hoje. Com o neoliberalismo e com a proliferação de universidades privadas, a competição entre os pares se aguçou, assim como aumentou a cobrança de produtividade. Há exagero por parte do docente em participar de modo obsessivo de congressos, de se transformar em máquina de fabricar textos, ao ser avaliado pela sua produção acadêmica. O livro de Russel Jacoby (*Os últimos intelectuais*) analisa a situação no âmbito das instituições americanas. Com a mudança da universidade para o *campus*, saindo do centro das cidades, ocorrerá a transformação do intelectual, antes envolvido no movimento social da cidade, e que, com o deslocamento, se afasta dela. Ele se afasta do debate social, e se vê envolvido com a instituição pela obrigação de cumprir encargos acadêmicos e burocráticos. Embora não concorde com esse autor, principalmente por não reconhecer

que a imagem do intelectual participante – o intelectual orgânico gramsciano – foi substituída por outro tipo de engajamento. É esta a posição de Beatriz Sarlo, em *Cenas da vida pós-moderna*. O intelectual que se divide, hoje, entre a academia e a participação midiática, encontra outro tipo de público, e atinge também outros objetivos. O que é temerário é a banalização produzida pelos meios de comunicação de massa, que, no lugar de promover o diálogo mais democratizado entre intelectual e público, corre o risco de incentivar a volta ao culto de personalidades. A sua posição dentro e fora da instituição é a de ser formadora de núcleos de pesquisas, respeitar seus pares e manter um comportamento acadêmico, no mínimo, ético. É nessa inserção talvez silenciosa que vão se formando comunidades unidas por objetivos comuns.

☞ Paralelamente a essa questão, você aborda no seu ensaio “Crítica cultural em ritmo latino” a passagem da Literatura Comparada, nos seus moldes disciplinares tradicionais, para a condição da pós-disciplinaridade que vai caracterizá-la, de um ponto de vista epistemológico, no contexto dos Estudos Culturais. Instaura-se aí uma polêmica que se torna mais visível pela “diáspora” entre alguns membros da Associação

Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), ou seja, pela debandada daqueles que, de um modo conservador, não concordam com esse ponto de vista...

*“Não se pode hoje fazer a leitura de um texto literário e ficar restrito à sua constituição literária, à sua constituição de linguagem.”*

*Eneida*: Sim. A discussão atual dos estudos comparados está relacionada com os problemas da pós-disciplinaridade. Já não se pode defender uma disciplina na sua autenticidade, na sua originalidade, no seu isolamento. Muitos afirmam que é preciso defender a literatura, porque ela está sendo negligenciada pelos Estudos Culturais, ou pela crítica cultural. Ou são partidários da crítica literária *tout court*, por estar a crítica cultural desvirtuando a literária. Acho que é uma discussão muito inócua, porque, como você mesmo já disse nesta conversa, a crítica literária sempre se preocupou com a cultura. Não se pode hoje fazer a leitura de um texto literário e ficar restrito à sua constituição literária, à sua constituição de linguagem. O movimento é duplo: você tem que – ao mesmo tempo – ler e analisar o texto, mas saber que esse texto ultrapassa a fronteira literária e se projeta para outros campos. Além do mais, a lite-



ratura nunca esteve tão presente como está agora, assistimos a um verdadeiro culto da atividade de leitura, seja ele festivo ou não, deslumbrado ou sério, mercadológico ou de outra natureza. Festivais em lugares paradisíacos, prêmios, publicações em grande escala, além de debates acadêmicos sobre literatura.

☞ O conceito de história, tal como ele é concebido hoje na Análise do Discurso, nos remeteria para essa dimensão de abertura do texto literário?

*"Com a abertura para a história, a crítica cultural amplia o foco de análise e retoma antigas preocupações."*

*Eneida:* Pode ser. A direção é mais quanto ao resgate do contexto. Durante a fase da crítica estruturalista, o contexto não se colocava como primeira preocupação, o importante era a obra. Era ainda incipiente a abordagem mais abrangente dos movimentos literários, da relação do escritor com sua geração, seu vínculo com o momento. Com a abertura para a história, a crítica cultural amplia o foco de análise e retoma antigas preocupações. Não se trata de uma abordagem simples, pelo contrário, é mais complexa. A literatura é, nesse sentido, ainda mais valorizada.

☞ Sendo essa uma abordagem necessária...

*"...entendo que, hoje, o discurso é mais político. Os Estudos Culturais e a Literatura Comparada vêm ativar essa dimensão. Uma dimensão ímpar na crítica literária..."*

*Eneida:* Sim. A crítica sociológica, a crítica histórica e a crítica antropológica sempre se pautaram por esse viés, pensaram nisso, mas eu entendo que, hoje, o discurso é mais político. Os Estudos Culturais e a Literatura Comparada vêm ativar essa dimensão. Uma dimensão ímpar na crítica literária, e que consiste em saber de onde se está falando, quer dizer, qual o *locus* de enunciação. Ao mesmo tempo em que vou pesquisar a obra de um escritor turco, ou reelaborar a recepção de teorias estrangeiras, preciso inserir o trabalho dentro de questões de ordem local, ao assumir uma posição diante do objeto a ser analisado.

☞ Também em *Tempo de pós-crítica*, você diz que, numa certa altura da sua formação, tinha alguma dificuldade com a lingüística. De lá para cá, também os estudos lingüísticos evoluíram muito. Como é que você analisa, hoje, a questão das fronteiras entre os estudos lingüísticos e os estudos literários?

*"Só mais tarde, ao estudar a antropologia estrutural de Lévi-Strauss, pude perceber sua diferença com o método de Chomsky, pela distinta acepção que ambos atribuíam ao conceito de universal."*

*Eneida:* Olha, em primeiro lugar, eu nunca estudei lingüística. Ou melhor: estudei lingüística, na faculdade de Letras, com professores que não eram lingüistas. O professor Lourenço, por exemplo, era um lingüista, mas sua teoria era completamente original e se afastava dos estudos lingüísticos que estavam surgindo. Tive aulas, depois, com o Tarcísio Ferreira, que era um iniciante na lingüística saussuriana. O meu interesse sempre foi pela literatura. Quando comecei a estudar, juntamente com Marília Rothier Cardoso, os textos dos estruturalistas franceses – Bremond, Roland Barthes, Greimas etc. –, Bernard Pottier ofereceu um curso sobre semântica estrutural. Então, fui me familiarizando um pouco com aquela linguagem, porque já lia muito sobre a teoria estruturalista. Com relação à lingüística chomskyana, nunca tive aulas sobre ela. Tomei conhecimento apenas de seu instrumental teórico, dos princípios norteadores de seu pensamento, fundado no raciocínio arbóreo e nos diagramas. Só mais tarde, ao estudar a antropologia estrutural de Lévi-Strauss,

pude perceber sua diferença com o método de Chomsky, pela distinta acepção que ambos atribuíam ao conceito de universal. Na análise estrutural dos mitos efetuada por Lévi-Strauss, eram respeitadas todas as suas versões, o que rompe com a idéia de verdade contida em determinado texto, além do conceito de universal. Essa abertura para a associação entre textos feita na base da diferença e do contraste tem rendido até hoje muitos frutos.

*"O que não se verificava era a vinculação da obra a outras manifestações que lhe eram contemporâneas."*

Hoje, sua influência se verifica no âmbito da crítica genética. Quando se prepara a edição crítica de um texto, não se prioriza mais a melhor versão, ou seja, aquela considerada pelo autor em vida. É preciso cotejar as edições. Além disso, quando a gente exercitava a crítica estruturalista, segundo o modelo lévi-straussiano, a análise do contexto não era esquecida, pois as diferenças surgiam do confronto entre textos distantes no tempo. O que não se verificava era a vinculação da obra a outras manifestações que lhe eram contemporâneas. Quanto a Chomsky, não houve diálogo entre a teoria e a linguagem. A



base de sua teoria não se conjugava com a da antropologia estrutural nem com a desconstrução derridiana e a revolução filosófica de Deleuze. O ponto fulcral do descompasso era a valorização do universal.

☞ E essa é ainda uma preocupação dele (Chomsky).

*“...se formos pensar nos estudos de linguagem, acho que o que mais se aproxima, atualmente, dos estudos culturais e da crítica literária, é a Análise do Discurso.”*

*Eneida:* Ainda é. Mas se formos pensar nos estudos de linguagem, acho que o que mais se aproxima, atualmente, dos estudos culturais e da crítica literária, é a Análise do Discurso. Já tive a oportunidade de assistir a algumas comunicações de especialistas na área, vinculados à Universidade Estadual de Campinas. Baseiam-se nas teorias foucaultianas do discurso, em Deleuze, Derrida. Aproximam-se ainda da crítica cultural, ao se deterem nos discursos da mídia, como o rádio, a publicidade, a televisão e a imprensa, além da literatura. Mas acho que a perspectiva política deveria ser mais acentuada.

☞ Ou seja, a literatura é um dos discursos analisáveis. E aí é que pode

haver um encontro entre os propósitos atuais da Literatura Comparada e essa forma de abordagem da Análise do Discurso?

*Eneida:* Mas nem todos os autores que são aí estudados poderiam trazer uma contribuição efetiva para a crítica. Tenho esperança de que podemos ter um diálogo dentro de pouco tempo.

☞ Quando você diz “podemos ter”, quer dizer que esse diálogo ainda é disciplinar?

*“Acho que aí é que a interdisciplinaridade não funciona.”*

*Eneida:* Sim. A situação sempre foi muito estranha, porque a crítica literária manteve constantemente o diálogo com a história, com a filosofia, entre outras disciplinas das ciências humanas.

☞ Mas não tem com a lingüística?

*Eneida:* Não tem com a lingüística. Acho que aí é que a interdisciplinaridade não funciona.

*“...penso que poderíamos ter um relacionamento maior.”*

☞ E isso é interessante, porque se a gente fala de crítica literária, fala de enunciação. E a enunciação é eminentemente lingüística.

*Eneida:* Claro. Então, eu penso que poderíamos ter um relacionamento maior.

☞ Voltando ao assunto inicial da formação em Letras. Você foi aluna de grandes professores, como Wilton Cardoso e Dona Ângela Vaz Leão, que transitam exemplarmente entre a filologia, a estilística, a lingüística e os estudos literários. Essa tradição da estilística, sobretudo, parece que se apagou na formação dos estudantes de Letras no Brasil. Mas nomes como os de Bakhtine, Roman Jakobson e mesmo Barthes estão associados a uma rigorosa formação nesses terrenos.

*Eneida:* E o próprio Antoine Compagnon: ele é professor de lingüística.

☞ Não houve, então, uma ruptura visível com relação a essa formação básica? Será que os estudantes em geral recebem formação para proceder a esse tipo de leitura de um texto?

*“O momento atual, que se denomina amplamente de pós-modernidade, de um pensamento pós-moderno, é muito singular para que se possa refletir sobre o comportamento da crítica no passado. Permite, por exemplo, que você me faça uma pergunta como essa, sobre o apagamento desse tipo de leitura. Antes, não.”*

*Eneida:* Eu acho que você tem razão, porque toda teoria que

surge, se posiciona contra a anterior. O momento atual, que se denomina amplamente de pós-modernidade, de um pensamento pós-moderno, é muito singular para que se possa refletir sobre o comportamento da crítica no passado. Permite, por exemplo, que você me faça uma pergunta como essa, sobre o apagamento desse tipo de leitura. Antes, não. A ruptura com o passado é o que prevalecia. Hoje, consegue-se reler o que foi valorizado na crítica e quais as razões dessa mudança, assim como o que foi recalçado e impossível de ser conhecido na época. A estilística e a filologia ocupam ainda um lugar importante nos estudos literários, com relação ao trabalho de estabelecimento de texto, a crítica textual. E esta se constitui segundo critérios analíticos que remetem à filologia. A recomposição do texto, o cotejo entre edições, o estudo do vocabulário exigem o conhecimento de estilística, de filologia, empresa que está sendo bem realizada por muitos de nossos profissionais.

*“Outro motivo pelo qual considero louvável a retomada da formação estilística é aquela que reelabora questões identitárias segundo as transformações já operadas na psicanálise e na crítica cultural, graças ao trabalho de Homi Bhabha, Zizek, entre outros. O item enunciação é um bom exemplo...”*

A crítica genética, ao contrário, se afasta da abordagem meramente estilística. Como complemento à crítica textual, ela se fundamenta no estudo da gênese do texto, nos rascunhos e cortes efetuados pelo escritor nos manuscritos. Está mais vinculada à herança estruturalista, à preocupação com a metalinguagem e com os paratextos que circundam a obra. Prende-se ainda à reconstituição do trajeto do escritor na construção de sua escrita, levantando-se questões de ordem psicanalítica, como os sintomas apresentados pelas falhas, vazios e silêncios textuais.

*“A leitura de um texto, seja ele qual for, deveria receber um olhar que atingisse no mínimo um efeito deslocado, transdisciplinar e avesso às limitações impostas pelo senso comum.”*

Tenho a impressão, contudo, de que o emprego de procedimentos da retórica clássica hoje, não funciona mais na crítica. A não ser para um grupo muito restrito de pesquisadores, pois classificar imagens como litotes, hipérboles, irá contribuir para o retorno da linguagem empolada de antes, da qual o ensaio crítico pretende se afastar. O uso dessa terminologia tornou-se inoperante. Outro motivo pelo qual considero louvável a retomada da formação estilística

é aquela que reelabora questões identitárias segundo as transformações já operadas na psicanálise e na crítica cultural, graças ao trabalho de Homi Bhabha, Žižek, entre outros. O item enunciação é um bom exemplo, embora seja necessário que a operação enunciativa se desvincule da preocupação meramente lingüística, uma vez que a contribuição de Lacan quanto às artimanhas e subterfúgios da enunciação não deverá ser negligenciada. O mesmo pode-se afirmar quanto ao estatuto do sujeito, que, lido pelo crivo do discurso filosófico e cultural, nos leva a ampliar sua dimensão significativa e a interpretar, com a ajuda de Deleuze e Guattari, como agenciamentos coletivos de enunciação. A leitura de um texto, seja ele qual for, deveria receber um olhar que atingisse no mínimo um efeito deslocado, transdisciplinar e avesso às limitações impostas pelo senso comum.

☞ Isso que você acaba de nos dizer ilustra muito bem uma dimensão do conceito de pós-moderno que você analisa no seu texto de *Tempo de pós-crítica*, falando com relação ao filósofo Lyotard. Ou seja, o prefixo *pós* devendo ser compreendido não como repetição, mas como um “processo em *ana*, um processo de análise, de anamnese, e de anamor-

fose que elabora um esquecimento inicial”, que põe para trabalhar “a Coisa recalçada”. O exemplo acima parece-nos perfeito neste sentido. Mas tanto quanto o termo estruturalismo, conforme aqui já tivemos a oportunidade de ver, o conceito de pós-moderno sofre também de muitos estigmas, alguns deles bastante negativos. Você que acompanhou de perto/dentro o desenvolvimento, ou evolução, desses termos, como é que avalia hoje essa questão?

*“...se o seu lugar teórico estiver bem definido, se a utilização do conceito se processa de forma clara, isso facilita bastante o seu entendimento. É quase impossível fornecer uma só definição do conceito...”*

*Eneida:* Eu penso que o conceito de pós-moderno é muito discutível, justamente por causa de sua complexidade e pelo seu desconhecimento pela maioria dos críticos. Não tenho também muita cautela em utilizar o termo. Pelo contrário, se o seu lugar teórico estiver bem definido, se a utilização do conceito se processa de forma clara, isso facilita bastante o seu entendimento. É quase impossível fornecer uma só definição do conceito, é preciso delimitar campos, disciplinas, ou optar pela caracterização do pensamento pós-moderno ou da leitura pós-moderna da cultura. A pós-modernidade, em toda sua

dimensão e abrangência, não poderá ser analisada sem a reflexão das várias vertentes que compõem o pensamento moderno. Segundo teóricos da modernidade, entre aqueles pertencentes ao quadro da América Latina e aos países periféricos, os conceitos legados pelas culturas hegemônicas devem ser revisitados e devem acompanhar as transformações políticas e culturais do mundo globalizado.

☞ Haja vista que o modernismo, como ocorreu no Brasil, não diz o mesmo para os demais países da América Latina...

*“A noção de atraso, por exemplo, se desvincula do teor negativo e se impõe como peça integrante da defasagem temporal, do tardio, do sinal de mais das regiões periféricas.”*

*Eneida:* Sim, você tem razão, até no próprio continente as ocorrências culturais e artísticas não se realizam de modo homogêneo. Jesús Martín-Barbero, teórico espanhol radicado na Colômbia, introduz, nos estudos da mídia, uma reflexão original – a modernidade descentrada – que responde pelas várias temporalidades existentes na recepção das culturas hegemônicas pelas periféricas. Por isso, a referência às modernidades se faz no



plural, pela existência de outro estatuto conceitual. O raciocínio pautado pelo princípio da homogeneidade é substituído pelo da heterogeneidade. Como se vê, são alternativas de definição a respeito do termo pós-moderno, ao se pensar na atual situação da cultura na América Latina. A noção de atraso, por exemplo, se desvincula do teor negativo e se impõe como peça integrante da defasagem temporal, do tardio, do sinal de mais das regiões periféricas. A experiência simultânea do tempo não significa que a realidade dos países periféricos seja similar aos outros, o importante é não pensarmos segundo parâmetros causalistas e progressistas.

☞ De certa forma, isso não aponta para o conceito da poética sincrônica, defendido por Haroldo de Campos, a partir de Roman Jakobson, segundo o qual “a descrição sincrônica considera não apenas a produção literária de um período dado, mas também aquela parte da tradição literária que, para o período em questão, permaneceu viva ou foi revivida”?

“...na perspectiva de Martín-Barbero, a simultaneidade temporal aponta diferenças. E não se pauta por semelhanças que poderiam colocar a poética sincrônica imune a conotações de ordem contextual e histórica.”

*Eneida*: É mais ou menos isso. Mas, na perspectiva de Martín-Barbero, a simultaneidade temporal aponta diferenças. E não se pauta por semelhanças que poderiam colocar a poética sincrônica imune a conotações de ordem contextual e histórica. Outras denominações surgem, como as modernidades tardias, com Fredric Jameson, que trabalha com o capitalismo tardio, e Stuart Hall, com as modernidades alternativas e o conceito de modernidades tardias. Outros preferem denominá-las de modernidades periféricas, modernidades livres (*at large*), segundo o indiano Arjun Appadurai, em seu livro *Modernity at large*. O lugar dos exilados indianos nos Estados Unidos é analisado por ele para explicar o conceito de modernidades livres, ao serem construídas comunidades imaginadas que se identificam pelos meios de comunicação de massa, como o rádio, a televisão, o cinema, sem passar pela experiência das modernidades concebidas pelos órgãos oficiais.

☞ Por outro lado, quando você fala nesse descentramento, têm-se colocado muito as questões da América Latina. No âmbito da Literatura Comparada, como têm ficado os estudos das literaturas africanas de língua portuguesa?

“O principal nisso tudo é não transformarmos as linhas de pesquisas em guetos separados e nem fundamentalistas. Se isso acontecer – e já está acontecendo em vários lugares – temos o fracasso do processo multicultural.”

*Eneida*: Existem vários grupos trabalhando, nas universidades, com linhas de pesquisa nessa direção. Mas a diversidade de interesses só contribui para o enriquecimento dos estudos de cultura e da crítica em geral. África e América Latina constituem espaços de reflexão que vão além de sua dimensão territorial. O principal nisso tudo é não transformarmos as linhas de pesquisas em guetos separados e nem fundamentalistas. Se isso acontecer – e já está acontecendo em vários lugares – temos o fracasso do processo multicultural. O entrosamento entre pesquisadores brasileiros e africanos, entre escritores e artistas, tem se intensificado nos últimos anos. Publicações aqui e lá comprovam a expansão e o intercâmbio de culturas afins. A criação de editoras, como a do José Eduardo Agualusa, que está publicando textos não só brasileiros como também africanos, significa também uma grande abertura para esses estudos. A música brasileira, ao lado da literatura, sempre teve reper-

cussão importante no exterior. Mas é importante perceber que o nosso elo com a música negra é uma das manifestações mais globalizadas do momento. A cultura africana que se ecoa no Caribe, nos Estados Unidos e na Europa é, contudo, vitoriosa e representa a heterogeneidade de ritmos com o traço original da cultura contemporânea. O *rap*, o *funk*, o *jazz*, a bossa nova e o *hip-rock* invadem os salões e as praças do mundo inteiro. Com toda a força proveniente da cultura negra, essa música se mescla aos ritmos de várias nacionalidades, e é desta mistura que se produzem novos ritmos e se rompe com o conceito de música pura e autêntica.

“...o diálogo se faz pelo descentramento do local, no caso da arte brasileira, ao incluí-la no projeto multinacional do ritmo africano. A visão é muito mais internacionalizada, como produto da participação de diferenças e qualidades das culturas locais.”

O último número da revista *Margens/Márgenes* se dedica à música latino-americana. A interpretação que hoje se faz da mescla heterogênea de ritmos e do avanço que representa para as comunidades multiculturais presta ainda grande serviço para o esclarecimento da situação atual das culturas periféricas. Gilberto Gil quando gravou um

disco sobre o *reggae* teve o mérito de ampliar o conceito de culturas periféricas, pela demonstração de que o diálogo se faz pelo descenramento do local, no caso da arte brasileira, ao incluí-la no projeto multinacional do ritmo africano. A visão é muito mais internacionalizada, como produto da participação de diferenças e qualidades das culturas locais.

☒ Gostaríamos de saber, ainda, quais são suas mais recentes atividades de pesquisa e publicação.

*“...procuro sistematizar, de forma didática, o trajeto da crítica literária e da crítica cultural no Brasil e no exterior; (...) [também] dedico-me a ensaios biográficos de autores com os quais trabalho...”*

*Eneida:* O meu plano atual de pesquisa se centraliza no aprofundamento de duas vertentes críticas que, na realidade, tenho exercido há algum tempo: a história da crítica literária e a crítica biográfica. Na primeira, procuro sistematizar, de forma didática, o trajeto da crítica literária e da crítica cultural no Brasil e no exterior; na segunda, dedico-me a ensaios biográficos de autores com os quais trabalho – Mário de Andrade, Borges, Pedro Nava, Silviano Santiago – e de intérpretes e artistas brasileiros, como Carmen Miranda, Chico Buarque, entre

outros. A leitura da correspondência entre escritores possibilitou que o interesse pela literatura se ampliasse para os textos paraliterários e para a construção de biografias intelectuais. A diferença quanto à metodologia resultou na escolha dos gêneros ensaístico-narrativo para os textos biográficos e no ensaístico para a história da crítica. Acabo de fechar a organização da edição crítica de *Beira-mar*, de Pedro Nava, para a Coleção Archivos, com a participação de especialistas na obra do autor, e a edição crítica da correspondência de Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade, a ser publicada pela Edusp e a Editora Peirópolis. Com Reinaldo Marques e Georg Otte finalizamos a edição do *Diário de guerra* de Guimarães Rosa (1939-1942), sobre sua estada como vice-cônsul em Hamburgo. O trabalho espera a liberação da família do escritor para ser publicado.

*“...examinou a relação entre os intelectuais – escritores, poetas, historiadores, críticos literários – e o governo de JK, a partir de parâmetros ligados à diferença – ou semelhança – entre a escrita pessoal e a escrita exercida durante o exercício ao lado do poder.”*

No âmbito do meu interesse pela crítica, preparei um ensaio sobre uma das atuais tendências

da crítica literária e cultural, que é a da ecocrítica. O texto será publicado na *Revista de Cultura Margens/Márgenes*. Esta revista é o resultado do projeto “Modernidades tardias no Brasil”, apoiado pela Rockefeller de 1996 a 2001, coordenado por Wander Melo Miranda tornando-se, a partir daí, uma publicação conjunta da UFMG, UBA (Universidade de Buenos Aires), UFBA, Universidade de Mar Del Plata e Universidade de Roma, Tor Vergata. Sob a responsabilidade editorial de Silviano Santiago e Wander Melo Miranda, a revista encontra-se às vésperas do lançamento de seu 9º. número. Estou também finalizando a pesquisa “O avesso da escrita – intelectuais a serviço de JK”, como pesquisadora do CNPq, em que examino a relação entre os intelectuais – escritores, poetas, historiadores, críticos literários – e o governo de JK, a partir de parâmetros ligados à diferença – ou semelhança – entre a escrita pessoal e a escrita exercida durante o exercício ao lado do poder. A partir da idéia de que o processo de modernidade na América Latina foi um caminho para se chegar à modernização, na sua conseqüência, abordo os desajustes temporais como resposta às noções de modernidade

desenvolvidas pelo pensamento ocidental. Com isso, propostas alternativas de modernidades são praticadas por intelectuais e escritores vinculados às transformações tardias de nosso processo de construção cultural que se inicia na década de 1940.

☒ Esclareça, por favor, essa tendência da ecocrítica.

*“Esgotadas as tentativas de mapear o tecido multifacetado das metrópoles, abrem-se outras paisagens de igual interesse pela arte, centradas não mais na violência urbana ou na segregação periférica da marginalidade.”*

*Eneida:* Denominada por alguns teóricos americanos, como Andrew Ross, de ecocrítica, ou “crítica verde”, esta corrente dos estudos literários e culturais analisa o papel da natureza no imaginário de uma comunidade cultural, a relação entre homem e natureza, assim como as reconfigurações do espaço na cultura pós-humana. Ela aborda ainda a preferência da literatura e da crítica pelos novos espaços, ligados à natureza, como o deserto, a vida animal, a floresta, o campo, o sertão e as reservas naturais. Esgotadas as tentativas de mapear o tecido multifacetado das metrópoles, abrem-se outras paisagens de igual interesse pela



arte, centradas não mais na violência urbana ou na segregação periférica da marginalidade.

☞ Algumas palavras suas para concluirmos este diálogo?

*"Torna-se cada vez mais necessário pensar na sistematização e revisão da história da crítica brasileira."*

Eneida: Bem, que vocês continuam levando a sério a crítica literária. Acredito muito no avanço metateórico da crítica. O professor universitário deveria sempre se apoiar na tradição acadêmica legada pela instituição para des-

construí-la, porque só assim se concebe a força de um pensamento revolucionário e atuante. Torna-se cada vez mais necessário pensar na sistematização e revisão da história da crítica brasileira. Essa empreitada possibilita a compreensão, por parte dos alunos, de vazios e desafios a serem enfrentados daqui pra frente.

☞ Aproveitamos para deixar aqui o nosso muito obrigado a você, Eneida, por toda essa sua exemplar disponibilidade e generosidade pessoais e intelectuais.

Os editores.